

CIENCIA 2009
29.07.2009

É certo que a ciência não é a política científica, nem os indicadores de progresso científico são a própria ciência.

Mas sem indicadores favoráveis, fazer ciência pode tornar-se impossível, ou tão difícil que mais vale tentar a sorte noutra instituição, noutra país, noutra política.

Já foi assim em Portugal.

Felizmente, tudo mudou.

Estes últimos anos foram anos felizes para a política científica portuguesa, apesar das condições económicas, orçamentais, do País, que todos sabemos difíceis.

Não repetirei indicadores, nem opções de política científica de todos conhecidas e por todos partilhadas.

Falo apenas do futuro. Esse é o nosso campo, o futuro. É por isso que fazemos ciência.

Sabemos bem a importância de, em Portugal, a despesa pública e privada em Investigação e Desenvolvimento ter atingido 1,2% do PIB em 2007 e o número de investigadores mais de 5 por cada mil activos, quase metade dos quais mulheres. Mas, mais importante ainda, é a dinâmica de crescimento gerada, em matéria de produção científica, entrosamento entre Universidades e empresas, relevância e reconhecimento internacionais.

Juntos soubemos superar o crónico atraso científico e tecnológico do País. Havemos pois agora de saber promover, reforçar e consolidar a excepcional dinâmica de crescimento gerada, assegurando o desenvolvimento equilibrado das tecnologias e das ciências, desde as ciências naturais às ciências sociais e às humanidades ou à saúde.

Já não nos basta atingir as médias europeias, como está prestes a suceder no que respeita ao número de investigadores. Para que os resultados da Investigação Científica aproveitem plenamente ao País, precisamos de atingir os níveis de desenvolvimento científico dos países europeus mais avançados e de dimensão equivalente à nossa mesmo menor: a Suécia, a Dinamarca, a Noruega, a Finlândia. Nesses países, o número de investigadores atinge ou supera 9 ou 10 investigadores por mil activos, como nos EUA ou no Japão, única forma, à nossa dimensão, de gerar massas críticas e de alimentar a criação de novas empresas de base tecnológica, as relações entre empresas e instituições científicas, e a presença activa e frutuosa nas principais redes europeias e internacionais de conhecimento.

Esta tem de ser a nossa ambição.

O financiamento público estimulou o investimento privado em I&D. Sem investimento público não haveria nem recursos humanos qualificados, nem parcerias internacionais que permitissem a afiliação de empresas, nem ideias e processos gerados na Universidade e em centros de investigação depois testados e desenvolvidos em empresas, incorporados em novos produtos e em processos inovadores. Sem

investimento em doutoramentos, em projectos de investigação, em viagens e em conferências, em equipamentos, em centros de investigação e em avaliação, não haveria empresas de base tecnológica, nem inovação moderna, nem se alimentaria o progresso da saúde, a eficiência energética ou dos transportes, a adequação das políticas sociais.

O motor da ciência são os cientistas, e a dinâmica de crescimento da ciência revela-se na força de sucessivas gerações de jovens que querem estudar e querem fazer ciência. Essa dinâmica e essa força estão hoje à vista de todos nós, e são um dos melhores activos do País. Cabe-nos tão só o mais difícil, que é persistir. Persistir na formação de mais jovens cientistas, na captação competitiva de cientistas de qualquer nacionalidade para as nossas instituições, criar condições sociais idênticas para todos os doutorados, persistir na qualidade e na exigência de avaliação e de selecção, persistir na abertura internacional, na cultura científica e tecnológica da população. Temos a ambição da persistência, do trabalho bem feito, da ética da responsabilidade e da avaliação, da superação definitiva, persistente, do atraso científico crónico do País.

Com o crescimento de recursos humanos mais qualificados, e o reforço de instituições científicas maiores, mais produtivas e mais relevantes, tornam-se insuficientes os meios financeiros disponíveis. Também aqui nos cabe apenas e tão só persistir. Persistir no crescimento, ano após ano, dos recursos necessários ao desenvolvimento de capacidades científicas, certos que a sua aplicação e o acompanhamento dos seus resultados assentam no sistema mais transparente, competente e internacionalizado de avaliação jamais construído e que, em ciência, toda a despesa feita nestas condições é um investimento no futuro do País. Temos a ambição dessa persistência.

O crescimento gera novas oportunidades, muitas das quais já activamente exploradas, em Universidades, Laboratórios de Investigação, Empresas. O programa do Encontro mostra bem parte da geografia das oportunidades novas que o desenvolvimento científico mais recente tornou possíveis, e o crescente impacto social e económico de muitas dessas linhas de acção.

Desafios mais complexos começam a ser possíveis. O lançamento do INL, primeiro laboratório científico internacional na Península Ibérica, é um deles, e certamente um dos desafios colectivos mais importantes que hoje partilhamos. A gestação de programas orientados, de que as novas parcerias internacionais, a par de alguns programas de organizações científicas internacionais, são actualmente o mais estimulante viveiro, é uma oportunidade que se abre na proporção dos recursos a investir. A concepção e construção de infra-estruturas de ciência e desenvolvimento com forte incorporação de I&D nacional, desde a computação distribuída à genómica, à língua ou aos observatórios de nova geração, físicos, biológicos ou sociais, formam também um feixe de oportunidades novas que podemos agora finalmente trilhar e explorar.

Ciência é futuro.

Pois é desse futuro – que não é só da ciência, mas de todos, e do País - que tratamos dia a dia, e é também do futuro que hoje e amanhã aqui vamos cuidar, em conjunto, com a persistência e com a ambição de sempre.

José Mariano Gago